

ESTAFETA

PERIODICO IMPARCIAL

Proprietario e principal Redactor—José Pereira Lopes.

ANNO I

E. UNIDOS
DO
BRASIL

ASSIGNATURAS
Por anno:
Capital 8\$000
Interior 10\$000

THEREZINA, 12 de Novembro de 1898

REDAÇÃO E
OFFICINAS:
Praça de Uru-
guayana n.º 17.

ESTADO
DO
PIAUHY

NUMERO 52

Redactores—Drs. Laudellno Bap-
tista e Abdias Neves.

EXPEDIENTE

Com o intuito de executar-
mos nosso compromisso exa-
rado em edições anterior-
es, já encomendamos:

De Paris:

1 Prelo «Exprés», da fabrica
Alauset (Marinoni aper-
çoador;

Do Rio de Janeiro:

50 Kilos de typos corpo 9

100 " " " 10

50 " " " de phanta-
sia de 8 qualidades.

Linhas, vinhetas, entreli-
nhas, emblemas & c.

1 Prelo pequeno «Patent»,
para boletins, circulares,
& c.

Da Alemanha

Papel e tinta de impressão.

Este material, reunido ao
que temos, nos habilitará a
dar plena execução ao nos-
so projecto, pelo que conta-
mos corresponder satisfac-
toriamente o favor que o
publico nos dispensar.

Therezina, 10 de Novem-
bro de 1898.

CHRONICA

Com uma temperatura de
37.º (à sombra) Therezina
tornou-se ultimamente como
que uma gigantesca estufa,
onde o ar pesado, quente e
viciado, é immensamente do-
entio. Ha poucos dias tive-
mos um caso de insolação e
é bem possivel que outros
appareçam, se, por acaso,
perdurar a falta absoluta de
chuvas.

Continua a trabalhar no
«4 de Setembro» a *troupe* do
sr. Eduardo Souza, que des-
graçadamente até agora não
foi devidamente aquilatada,
pois do contrario não teria
de lastimar a falta que até
hoje tem commettido o ge-
neroso povo de minha boa
terra, fugindo do theatro,
não accorrendo ás represen-
tações aliás boas, cousa pou-

co compativel com o seu
gráo de cultivado e adianta-
mento.

No domingo ultimo fez
seu beneficio o Eduardo,
sendo levados á scena o vau-
deville em dois actos «A
Leitora», a comedia «Ao cal-
çar das luvas» e o aproposito
de Souza Bastos «Os si-
nos de Corneville em casa». O
desempenho das duas ul-
timas peças foi soffrivel, o
da primeira, porem, nada dei-
xou a desejar. A sra. d. Jo-
anna não tinha a parte da
comedia bem estudada, e,
se quer tomar um conselho
do seu humilde respeitador
que rabisca estas linhas, para
outra vez não diga mais *in-
tel* como fez tres vezes no
decurso do ultimo especta-
culo. Sôa mal ao ouvido em
primeiro logar, e depois al-
gum maldizente poderia ver
n'isso não um lapso (como
estou muito, mas, muito
mesmo, convencido que foi)
porem um tremendo pontá-
pé na grammatica.

Os numeros de musica
estavam perfeitamente en-
saiados, de sorte que a or-
chestra (tirada da banda do
Corpo de Segurança) esteve
correcta sob a batuta intel-
ligente do não menos intel-
ligente João Monteiro.

Ao que me consta prepara-
se um espectáculo de gala
para commemoração da lu-
minosa data do anniversario
da proclamação da Re-
publica, sendo apenas de
estranhar que a iniciativa
parta de um estrangeiro.

Passou segunda-feira o
anniversario de d. Inhá Oli-
veira.

A' noite o sr. capitão Sa-
tyro abriu os seus salões ao
que tem de mais distincto a
nossa sociedade, effectuan-
do-se então animadissima
soirée dançante que prolon-
gou-se até duas horas.

O modesto chronista que
neste momento occupa-te a
atenção, gentilissima leito-
ra, lá esteve, e o que affir-

ma-te e até jurá, é que se
faltaste, amaldiçoa aos céos
pela tua má estrella: per-
deste immenso!

A novena na igreja de N.
S. das Dores tem sido bas-
tante concorrida. E' o espi-
rito de religiosidade que
leva ali toda aquelle povo?
Vai toda aquelle gente *so-
mente* para implorar as gra-
ças da Virgem Mãi? Creio
bem que...

Não; não dou a minha
opinião; em todo caso, como
sei que a amavel leitora
está sobre brazas (salvo seja)
para conhecê-la, se quizer
aproximar o ouvido, dir-lhe-
ei bem em segredo que não
creio muito que as minhas
graciosas patricias vão a
igreja *simplesmente* para re-
sar. E se não dize-me, leito-
ra encantadora, nunca acon-
teceu-te (uma vez ao me-
nos, vá lá, confessá-me tam-
bem em segredo) ir á Sa-
grada Morada para paten-
tear a elegancia *rafinée* da
tua *toilette* nova, aos olhares
curiosos das curiosas filha
de Eva?

Para mostrar um recente
arranjo, original, nas ne-
gras e bastas tranças luzi-
dias?

Parece-me estar ouviado-
te dizer: nunca!... é fal-
so!... de acordo, mas, mui-
to de acordo mesmo; porem
então explica-me porque
gastas meia hora em frente
ao espelho, á mirar, a re-
mirar, cada uma das dobras
do vestido, cada um dos
aneis dos cabellos, a collo-
cal-os ora para um lado, ora
para outro procurando tor-
nares-te mais seductora,
ensaiando um sorriso, um
olhar & & antes de sahir
para qualquer festa, ainda
mesmo que seja religiosa?

Vamos; responde se po-
deres, mas, em todo caso,
não fiques mal com o teu res-
peitador

Cirano de Bergerac.

Escrinio Litterario

BILHETE AZUL

(A' GRACIOSA CLARISSE OLIVEIRA NO DIA DE SEUS ANOS)

CLARISSE.

N'uma estrophe pequenina,
no marmore de Paros entalhada,
á letras de ouro e perolas bordada,
em cuidadosa forma perrupina;

Quiz tecer-te tambem um madrigal,
cumprimento poetico e original,
a trescalçar o suave olôr de um beijo...

Quiz mas embalde a *Inspiração* tentei...
E que foi tudo em vão,—nada alcancei—
n'este momento, apenas, é que o vejo.

ABDIAS NEVES.

Meu caro dr. Abdias Neves.

Faz honra ao meu pobre
«atelier» o seu gentilissimo
«bilhete postal» inserto no
«Estafeta» de 15 do vigente.
Agradeço-lhe «in primo loco»
a obsequiosidade do seu con-
vite e depois peço-lhe per-
missão para recusá-lo.

Sim, é me absolutamente
impossivel acceder a esse con-
vite, apesar da amabilidade
em que é elle concebido.

Seria um sacrilegio estu-
pendo aos olhos de todos os
artistas, si eu, e-quecendo a
minha nullidade artistica, ou-
sasse penetrar no magestoso
Templo da Arte. Por isso, ao
ler as primeiras linhas do seu
honroso «bilhete» vieram-me
á lembrança as palavras que
Corneille no 2.º acto da tra-
gedia «Horace» poz na bocca
de Curiaço:

«Je m'estimais trop peu pour un honneur si grand». E, reflexionando maduramente, conclui que não devia profanar o Templo augusto onde tem culto a Arte e em cujo santuario só aos sacerdotes é permitido ingresso.

Póde, pois, penetrar sozinho, enquanto que eu contento-me com ficar á porta, com o meu chapéo na cabeça.

Não veja neste meu procedimento—nenhuma irreverencia ou falta de cortezia. E' que não posso acquerir ao seu convite. Queira desculpar-me.

Bom venturoso—essa não me falta para prestar-lhe qualquer serviço, mas, antes de tudo, tenho que obedecer aos dictames de minha consciencia, que está a dizer-me—que eu não posso, não devo acompanhá-lo. Seria muita honra para um pobre burguez.

De mais, o que lucraria V. com a minha companhia—uma vez que eu não podia servir-lhe ao menos de sacristão? Póde, pois, entrar sozinho, doutor.

Vou occupar-me, ainda que perfunctoriamente, da parte do «bilhete» que allude á discussão que tive com o meu illustre amigo José Luiz Baptista. De toda aquella nevrose de exhibição, em que V. parece que exgottou o seu bem provisto arsenal de conhecimentos litterarios, só o que pude apurar é que eu e o José Luiz perdemos o nosso tempo e puzemos as nossas penas ao serviço de causas perdidas. São opiniões. Não pude, porem, conhecer a sua escola poetica. V. declara-se inimigo intransigente do «lyrismo»; detesta o «scientificismo»; não vê com bons olhos o «parnasianismo»; fala de passagem em «pessimismo philosophico» e em «socialismo democratico» etc. etc. de sorte que o que deduz-se logicamente é que V. tem uma escola exclusivamente sua, de criação sua e sob a chefia sua. Si não falha essa deducção, não será de admirar que V. leve o seu exclusivismo ao ponto de, parodiando Luiz XIV, dizer:—«la poésie c'est moi!»

Deixo esse ponto do seu «bilhete», porque estou ancioso para tratar da parte que me diz respeito. Antes de o fazer, porem, julgo necessario dar-lhe uma explicação preliminar. Não sou poeta. Nunca me passou pela mente a estulta velleidade de conquistar um nome no mundo das letras. Simples «dilettante» da rima, «faço versos» sem arte e sem observar rigorosamente as praticas desta ou daquella escola.

Digo mais: implico solemnemente com o nome de «poeta» que me emprestam algumas pessoas que, alias, deviam saber que de «fazer versos» para ser poeta—vai uma distancia enorme. Dado esse cavaco, prosigo.

D. z V. que tem notado pela

leitura de minhas producções a influencia «perniciosa» (o grifho é meu) que exerceram no meu espirito as poesias da escola chefiada por Casimiro de Abreu. E, para corroborar a sua affirmação, transcreve alguns trechos da poesia «Triquetinha» publicada no «Estafeta». Até ahí estamos de accordo e V. com isso não descobriu a America, nem inventou a polvora sem fumo. Quando sentei-me para escrever aquella poesia contava mesmo fazer uma pallida imitação da «Moreninha» de C.

de Abreu e da «Sertaneja» de L. Guimarães Junior. Si assim procedendo tornei-me criminoso, não sou o primeiro que commette tal crime.

V. nos seus vãos de aguiá libra se a alturas immensuráveis, ao passo que eu não posso fazer o mesmo, porque não m'o permite a envergadura das minhas azas...

Cada um dá o que tem. Ao menos não succederá commigo o que succedeu com o Icaro da mythologia grega...

Outra poesia minha que alcançou o seu anathema é a que tem por título «Forget me not». Não obstante a sua formal condemnação, ella foi publicada n'outro jornal do Estado do Maranhão e mereceu ser transcripta na secção «Litteratura» do «Federalista» de 16 de Setembro.

E' que no meio da onda invasora desse modernismo «fin de siècle» ainda ha vozes que se levantam para dizer que a poesia lyrica é a poesia do coração.

Pela ogerisa com que fala dos velhos habitos, aposto que, senhor de baração e cutelo, V. não trepidaria em fazer uma carnificina mais horrorosa do que a Saint Barthelémy, para que nas festas populares não lhe ferissem o ouvido com as velhas cantilenas de «Sá Rita Medeira» e do «Compadre Zé Urú». Assim como seria preciso lançar mão desse recurso extremo para apagar do coração do povo as suas festas e tradições, seria mister uma revolução ainda maior para riscar da litteratura brasileira os vestigios das poesias do immortal cantor das «Primaveras». E oxalá V. possa legar ás letras patrias um nome laureado e impercível como o legou Casimiro de Abreu.

Si o amor já perdeu o poetico encanto de um idyllio, como pretende V., naturalmente quando dirigir-se á sua Dulcinéa será nestes termos:—és carne, és gangrena, és podridão, és o repasto dos vermes.

Não invejo-lhe o colloquio. Emfim, é questão de paladar... Eu, embora não seja partidario do violão e das cantarelas ao luar, ainda acho prazer em repetir:

«No seio da mulher ha tanto aroma... Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...»

Chego, finalmente, ao pon-

to capital do seu «bilhete», aquelle que mais de perto me interessa. Com ares de mestre-escola, de ferula em punho, sobrececho carregado, V. exproba-me o pouco cuidado ao versejar e a inobservancia dos mais rudimentares preceitos da poetica. Confesso-lhe que não pude dissimular a minha surpresa ante a severidade da sua reprehensão e cheguei a inquerir de mim mesmo si por ventura me achava sob a acção das penas disciplinares do Conde de Lippe... Tenha paciencia, meu caro doutor; ainda desta vez eu não dou a mão ao bolo. Falando «ex cathedra», ensina V. que não se misturam versos agudos e graves e que eu tenho infringido esta regra. Em apoio das suas palavras cita os quartetos do meu soneto «Amar», nos quaes o 2.º e 4.º versos do primeiro são agudos, sendo breves os correspondentes do outro. Mas nem todos observam aquella regra. Para não dar-me grande trabalho, vou transcrever dois sonetos que tenho á mão, firmados por autoridades altamente collocadas, nos quaes nota-se a mesma falta que tanto deu lha que censurar-me. O primeiro, «A memoria do Conselheiro José Bonifacio», é um primoroso soneto do distincto poeta bahiano, João Bastos, cujas producções peço licença para collocar um pouco acima das suas.

Eis os dois quartetos:

Ao saber do funesto passamento
Do poeta, do grande cidadão,
Eu senti na minh'alma o desalento
E dor—sincera dor—no coração!

Quiz saudoso ferir dorido canto
Nas deusas, frouxas cordas do alaúde.
Nem voz, nem sons! Também faltou-me o pranto!

Quix debalde chorar... chorar não pude...

O outro soneto, «Emfim», é de Julieta de Mello Monteiro, a mimosa poetiza das «Oscillantes», a quem Guimarães Junior teceu os maiores elogios. São assim os dois quartetos:

«E's livre, patria minha, és livre,
Já não te opprimem miseros grilhões;
Soou-te a desejada, a feliz hora
Em q' o sol te inundou com seus clarões»

O sol da Liberdade, o sol bendito,
O astro precursor de novos dias,
O pharol a sorrir a um povo afflicto
Que se estorceia em lentas agonias».

Vou citar-lhe ainda alguns tercetos que afastam-se totalmente das suas normas. Estes são do soneto «Alma atribulada» de Camillo Castello Branco, que tem fóros de mestre:

«Vae! Não leves saudades do que
Se a fé em melhor mundo te preluz,
Alma gemente, porque assim te queixas?»

Despronde-te, a sorrir, da horrenda cruz
Em que tanto penaste! Os olhos fechas?
Abre os d'alma, e verás que infinda luz».

Os outros são do bellissimo soneto «A uma artista», do talentoso poeta piauihyense, dr. Thaumaturgo Vaz, que já

tem um nome feito na carreira das letras.

Eil-os:

«Seja o caminho todo em festa e recamada
De flores de eloendro e ramos de verteno
Para que passe a Gloria em seu c'chim dourado...»

E... Sim! Chova ouro em pó da chlamyde do sol
Sobre a artista gentil, impavida e serena
Que, sendo assim mulher, é quasi rouxinol».

Exemplos desses—eu poderia apresentar-lhe centenaes. O que admira é que V., que se diz adversario «centagão» dos velhos moldes, esteja a pregar essas doutrinas rotineiras. Para ser coerente com a sua rotina, devia censurar-me tambem porque no segundo quarteto não adoptei as mesmas consoantes do primeiro, como era de rigor nos tempos de Camões e de Bocage. A poesia, meu caro dr., tem a sua lei, mas, felizmente, menos severa do que as leis draconianas... Já em 1846 escrevia o proecto cantor de «Yjuca-pirama» no prefacio dos seus «Primeiros Cantos»:—«Muitas dellas (poesias) não têm uniformidade nas estrophes, porque menosprezo regras de mera convenção».

Creio ter demonstrado á sociedade a improcedencia da sua primeira censura. Passemos aos erros de metrica.

Affirma V. que no soneto «Amar», escripto em heroicos, o primeiro do segundo terceto está errado. Deixe transcrever-o:

«E' antegosar o que no céu se gosa.»

Permitta que ainda aqui eu não me submetta ao «magister dixit». Si contar-se, como V. certamente fez (e errou com isso) «é antegosar» como tendo cinco syllabas, o verso estará, effectivamente, errado, porque sobra-lhe uma syllaba; si contar-se, porem (como entendo que deve ser) dando-lhe somente quatro, teremos um heroico correcto. Desta ultima forma contam muitos poetas de nota, por isso que o verbo «é» e a primeira syllaba de «antegosar» formam um hiato que pode-se, sem infringir as regras da metrificacção, contar como uma só syllaba. E, para apoiar a minha asserção, vou citar-lhe alguns versos de Tobias Barreto, que era incapaz de escrever versos errados.

Olhe que vai falar o Grande Mestre, portanto—«chapeau bas. São da poesia «Lenda civil», toda escripta em heroicos, os seguintes:

«A noite é uma viuva de quinze annos,
Que prostitue-se envolta em trajos negros...»

E' a hora em que, ao ouvido attento,
No relógio e no peito palpitantes,
O tropel dos momentos q' galopam».

Transcrevo mais dos versos precisos, para facilitar-lhe o cotejo. Na poesia «Em nome d'uma pernambucana» escripta em versos de onze syllabas, encontra-se ainda um para o caso vertente, na seguinte quadra:

«Ruido nos mares; clarão no horizonte...
Os nossos murmuram: são elles que vem!
Por cima das serras lampeja uma frente...
E' o sol que levanta-se, e nada, ninguém!...»

Vejamos agora o «alexandrino de onze syllabas» que V. «descobriu» no ultimo terceto do «Adeus». Quer me parecer que V. não leu attentamente o que escreveu sobre esse «feliz achado», porque, a meu ver, commetteu um erro crasso, dèsses que na giria dos collegiaes chamam-se erros de palnatoria. Certamente não ignora o meu illustre amigo o censor, que o verso alexandrino compõe-se de doze syllabas, com dois hemistichios—na sexta e na duodecima. Ora, eu dou-lhe um doce si V. provar-me que o seguinte verso não preenche essas condições:

«Fugia a minha estrella, o astro meu saudoso!»

Desafio-o solemnemente a vir, sob sua assignatura, contar syllaba por syllaba aquelle verso e demonstrar que elle está errado. Emquanto não o fizer, consinta o meu caro dr. que eu rejite «in limine» as suas officiosas licções. Posso estar em erro, mas antes de mim tem errado muita gente boa, e eu appello, não para o seu juizo, que peço venia para averbar de parcial, mas para instancia superior. «Quod scripsi, scripsi». Desculpe a maçada do seu admirador

VALDIVINO TITO.

Outubro—28—1898.

Fica em nosso poder o artigo do nosso collega dr. Abdias Neves respondendo ao sr. Valdivino Tito.

Não o estampamos agora á absoluta falta de espaço.

ESCOLA ANTIGA

Tendo alguém pouco generoso procurado insinuar no espirito publico que o meu soneto intitulado «Escola antiga» referia-se á uma distincta demoiselle de nossa sociedade—que aliás me merece a mais elevada consideração, apresso-me a affirmar que elle é simplesmente um ensaio no genero baudelaireano, que a ninguém procurei individualisar, e, ainda mais, ter sido escripto ha mais de anno quando achava-me em Pernambuco.

ABDIAS NEVES.

PARA DISTRAHIR.

Logogripho

Ao amigo Campos.

Se achares o appellido—5,6,5,6
Bem contente ficarás;—
Procura logo este outro—3,6,3,7.
Que de certo encontrarás.

No nosso céo estrellado
Brilha, brilha sem cessar—5,2,7.
—Avante, charadista ousado,—1,6,7.
Procura o bicho matar.

Conceito

Ao paganel desafio,
Ao Sindbad tambem,
Que matem o logogripho,
Embora decifrem bem.

O logogripho é facillimo
Mais facil não pode ser.
Procurem, qu'encontrarão
Lindo nome de mulher.

S. Baptista.

Charadas

(Ao Barbaroxa). Tem cor de café a ave—2, 1.

Barba Azul.

(Ao Th. Dalbret). Commette um crime quem escarnece de um porco—2, 1.

Da tempestade zombava uma ave.—3, 2.

Ar. Madra.

(Ao Paganel). Faço-te de feiosa que és, uma mulher bonita.—2,1.

Barbaroxa.

No barquinho vai uma mulher muito alta.—2, 2.

Fran Portel.

Enfadado fiquei com a minha prima que só quer estar nos theatros.—2, 2.

Th. Dalbret.

Enigmas.

(Ao Luar). Qual é o homem do mar?—3.

Aladdin.

(A Fran Portel).
A's direitas é uma molestia
E molestia americana;
A's avessas, termo de jogo
E coisa procurada com gana.

Th. Dalbret.

Correspondencia

Luar—Desculpe. O seu logogripho está bom... mas se não ha espaço para elle? Para o outro e sans rancune.

Th. Dalbret.

Por conta alheia

Illustre sr. Bedactor de «Estafeta».

Na qualidade de gerente da Companhia de vapores, cumpre-me responder a vossa local—«Quem vale»? inserta no ultimo numero do jornal que dirigis.

Affirmo-vos que nem a Directoria da Companhia me deu ordens, nem eu, de minha parte, as transmitti ao agente da Parnahyba, no sentido de que o vapor *Pi-auhy* sahisse daquella cidade á meia carga para receber cereaes em Repartição e outros pontos.

Quer a Directoria, quer a Gerencia confiam bastante no criterio do agente de que se trata, que, em todo caso seria incapaz de fazer o contrario do que lhe fosse por nós ordenado, a menos que não sobreviesse um motivo poderoso e do qual nos daria parte immediatamente.

Aproveito o ensejo para confirmar a veracidade da primeira parte do escripto do sr. capitão Antonio Campos, publicado no citado nu-

mero do vosso jornal, e rectificar o engano do mesmo sr. quanto a dizer que não embarcou outras mercadorias pelo vapor *Therezinense*, dentro do numero de dusetos volumes cuja praça lhe havia eu concedido para os cereaes da Intendencia de Oeiras de que era procurador.

E' certo que apenas entraram dez volumes de mercadorias, correspondentes a quize quartas de cereaes que ficaram, mas isso mesmo era preciso consignar, uma vez que por tal se empenhou o sr. Campos e eu accedi para satisfazel-o.

Peço-vos a publicação destas linhas, cujo unico fim é o restabelecimento da verdade.

Therezina, 7 de novembro de 1898.

Leocadio A. dos Santos.

Aos srs. Collectores de Valença e Castello.

João Pereira Lopes, por seus tutelados Manoel e Alcebiades, filhos do fallecido André da Rocha Falcão, Antonio Martins de Area Leão e José Marques de Area Leão declaram aos srs. collectores de Castello e Valença que, devidamente autorizados, trocaram todos os bens pertencentes áquelles orphãos e situados na fazenda Bom-Principio, do termo de Castello, pelos situados na fazenda Sitio do termo de Valença, pertencentes aos ultimos.

Therezina, 10 de novembro de 1898.

João Pereira Lopes.

Antonio Martins de Area Leão

José Marques de Area Leão.

Aqui, alli e alem

A Maniçoba

A semente da maniçoba é chata, dura, lisa, quasi do volume de um caroço de milho graúdo, de côr aseitonada, melado escuro. Sua rizeja é extraordinaria, resiste a compressões fortes, a permeabilidade d'agua, onde pode permanecer por muito tempo sem putrefazer-se ou embeber-se.

Sem duvida por esta circumstancia, costumam alguns plantadores acamala em leito de arêa, cobrirem na de palha, e queimarem-na superficialmente.

A crosta dura da semente dilata-se, fende se, e levada então ate reno fresco germina facilmente.

Outros lançam a semente em covas abertas em outubro, novembro e dezembro, (mezes em que a terra está mais secca e adquire maior temperatura), onde permanecem até que as primeiras chuvas de janeiro vão encontral-a fendida pelo calor e apta a germinar.

O plantio por estacas não offerece vantagens reaes, e só pode ser tentado com exito depois das primeiras chuvas do anno. Além de exigir a decepção de galhos vigorosos da planta mãe, em desprovelto desta, as estacas costumam a enraizar, e depois de pegadas resistem mal a qualquer «repique» de verão.

Nas serras e terrenos humidos, nunca enxarcados, é tal vez preferivel este systema, por apressar o desenvolvimento da planta, e consequentemente o seu aproveitamento industrial.

Em todo caso, não se presará a um plantio largo.

A sementeira por covas ou em sementeiras especiaes, como se pratica com o café, para depois ser tra sp rtado, é incontestavelmente preferivel.

Quando se tem tido o cuidado de escolher o grão, despresando-se o que fluctua n'agua, a planta sae robusta, assemelhando-se quando nova ao ricinus nascente. Nas primeiras tres a quatro semanas adquire 8 a 12 pollegadas de altura, crescendo d'ahi em diante rapidamente attingindo 3 a 4 metros no primeiro anno se o terreno for ligeiramente humido, como encostas de serras. No sertão o desenvolvimento é mais demorado e como que estaciona no verão para aleutar-se no inverno, como soe acontecer, e de modo prodigioso, com a mór parte dos herbaceos.

O gado gosta, como forragem, da maniçoba, quando tenra, razão porque nas fazendas situadas em planicies, ella escasseia, proliferando admiravelmente no sob pé das serras, pouco frequentadas por elle (gado).

Actualmente, os plantadores de maniçoba só a semeiam em roçados ou sitios abrigados.

Se a semente não foi submettida previamente a uma temperatura elevada, pode ficar na terra nove a dez mezes sem brotar.

Plantações feitas no fim do anno p. p. na serra de Maranguape offerecem hoje agradável aspecto, podendo-se esperar uns dous annos a tres para dar começo a extracção do leite.

No terceiro anno as plantas de estaca podem ser lavadas, bem como muitas de semente nos sitios frescos.

No sertão só no quinto ou sexto anno ella está apta a produzir, sendo imprudente golpear a antes pela fraca consistencia do tronco.

Observa-se que a maniçoba lavrada, mesmo tenra, com

tres ou quatro annos, adquire rapida corpulencia, distanciando-se da congênere da mesma idade que se conservou intacta. Esta observação me foi feita por varios lavradores, mostrando-se me as plantas que soffreram ou não a operação.

Que influencia pode ter no crescimento da planta esta primeira sangria, além do phenomeno que acabo de alludir, sob a fê de informantes eriter osos, não o sei; mas seria digno de mais acurada investigação.

Asseguram-me alguns plantadores haver duas especies ou variedades de maniçoba: uma linheira, abundante em leite, de tronco vermelho claro ou esbranquiçado, esgalhando pouco e muito acima do solo; outra frondosa, esgalhando muito, de tronco vermelho escuro, dando pouco leite, e este fino e pouco coagulavel.

Não pude perceber bem a variedade, porque vi maniçobas esgalhadas darem abundante exsudação leitosa, facilmente coagulavel.

Seja como fôr, supponho que a formação do «latex» e sua liquefação depende mais da humidade, da estação, de que da pretendida variedade.

No inverno o leite é mais fluido, no verão mais coagulavel.

A arvore accomoda-se bem em espaço relativamente restricto, não exigindo mais de dous metros a dous metros e meio de uma a outra. Braceja moderadamente, e seus galhos tomam sempre a vertical.

Não ha receio de que herbas más a suffoquem; seu rapido crescimento dominará em breve qualquer outra planta. Sua rusticidade dispensa os cuidados dados a quasi todas as culturas mais ou menos rendosas. Pode se quasi assegurar que só no terceiro ou quarto anno precisa ser batido a foice o matto que a cerca, não tanto por ella, como pela facilidade da lavragem, que se tornaria penosa, demorada e menos lucrativa.

Mondado uma vez esse matagal, e opulentada a maniçoba com a idade, a sombra que ella projecta e porventura os saes que tira do solo desfavorecem a propagação de outras arvores, tornando-se senhora quasi exclusiva do solo.

THOMAZ P. DE SOUZA BRAZIL.

A fome por toda a parte

Em Oeiras um litro de farinha está custando 1\$000 e de milho 500. Em Picos, Paulista, Patrocínio e Jaiçós a pessima farinha que vem do Ceará custa de 500 a 700 o litro. Nestes logares não ha milho siquer para o plantio das roças. Em Jaiçós já morre gente a fome.

Por toda parte finalmente a miseria chegou ao auge.

S. Raymundo, S. João, Bom-Jesus suprem-se em Colonia onde o milho custa 300 o litro, farinha 500.

Aqui nesta outrora farta cidade vende-se um pequeno *mandubé* que sempre se vendeu por 1\$000 e menos a 4\$000; uma manga de massa a 100, um tomate a 140, um kilo de carne de cevado a 1\$400; litro de feijão a 700, de farinha 700, de arroz pilado a 700, de milho a 200. Só a gallinha e o respectivo ovo ainda se conservam em conta—aquella por 2\$000 e este por 60; mas isto sem abundancia, e, para esquecer estas misérias...

Viva a representação piauihyense no Senado Brasileiro.

Viva!

Os que estão prestes a morrer de fome vos saudam, Senadores Piauihyenses!

O Estafeta e a Maniçoba

O *Diario de Pernambuco* publicou um dos nossos artigos sobre a Maniçoba, encimado das seguintes considerações de nosso illustre patricio dr. Heitor Gil Castello Branco que lh'o enviara:

«Sr. Redactor do «Diario de Pernambuco»—Satisfazendo ao vosso amavel pedido vimos gostosamente trazer á publicação do vosso conceituado jornal as importantes noticias que nos chegam do nosso futuro estado natal, onde, como sabeis, a industria extractiva da borracha da maniçoba vai ganhando immensa prosperidade, assegurando assim uma época mui proxima de desenvolvimento e riqueza para o mesmo estado.

Como vereis da noticia junta, do «Estafeta», de Therezina, para a qual pedimos transcrição nas vossas columnas, existem municipios no Piauihy, que, embora assolados pela secca, prosperam admiravelmente, tendo em circulação avultada quantidade de dinheiro, proveniente da exportação da borracha para a Bahia, Maranhão e Ceará.

Ao Piauihy, pois, para um completo exito da sua nascente industria, falta apenas o concurso dos validos e numerosos braços que tão desastrosamente elle tem deixado emigrar para o Amazonas.

Creemos, porém, que, em compensação, brevemente não serão pequenos os contingentes que lhe fornecerão os outros estados, com certeza interessados na exploração do seu fertilissimo territorio.

HEITOR CASTELLO BRANCO».

Carne verde

São repetidas as queixas que se levantam diariamente por causa do augmento do preço da carne verde. Affirmam que este artigo de primeira necessidade, o mais importante de nossa alimentação, está sendo objecto da mais torpe especulação, por parte dos srs. marchantes que compram o gado em pé por pouco mais de nada e o vendem a 700, 800 e 900 o kilo.

Cumpra a Intendencia de União, que é a que nos fica mais proxima, providenciar sobre o caso. Assim o exige a publica salvação.

E. F. C. C.

Carro incendiado

No dia 9 incendiou-se um carro de carga durante a viagem de Caxias para Flores. O prejuizo foi total, só restando hoje do carro e conteúdo os ferros daquelle.

Foram prejudicados com este sinistro;

Raimundo V. da Rocha Tote 4.600 kilos de milho, José Sant'anna dos Santos 3000 kilos de milho, Bento B. de Mello 168 kilos de farinha, Joaquim Dias de Sant'anna—4 fardos de tecidos, Gil Martins & C.^a 13 ditos Raphael Archanjo de Oliveira 2 ditos, Bahia & Monteiro 1 dito.

Attribue-se o incendio as fagulhas lançadas pela machina. O carro incendiado custou a Companhia—... 10:000\$000.

Dr. Valente

Ha alguns dias que achase entre nós vindo do Maranhão o nosso illustrado e distinctissimo patricio dr. Lourenço Valente de Figueiredo, gerente de uma das principaes empresas de navegação do visinho Estado.

Cumprimentamol-o.

Pela Maniçoba

Transcrevemos hoje outro, já tendo transcripto um dos bons artigos do sr. dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, sobre a maniçoba.

No intuito de facultar aos nossos patricios a leitura de todos elles, nosso collega, sr. José Pereira Lopes dirigio aquelle illustre cearense a seguinte carta:

«Tendo lido e transcripto em meu jornal—*Estafeta* alguns dos artigos sobre a *Maniçoba* publicados por v. exc. no *Republica*, dessa capital, e desejando transcrever os que não pude ver, venho rogar a v. exc. o especial

obsequio de m'os remetter todos, pois desejo prestar ao meu Estado o serviço da divulgação dos mesmos artigos.

Na esperança de que v. exc. tomará em consideração este meu pedido, anticipo com as minhas respeitadas saudações—os meus agradecimentos a v. exc.»

Attentado de 5 de Novembro

Foram condemnados Deoleciano Martyr, Pacheco e Velloso a 30 annos de prisão; Rosa Ferreira a 21, Noya foi absolvido.

Incendio

No dia 10 deste incendiaram-se 5 casas á rua de S. Pedro.

Pedro Melchiades

Apresentamos nossas saudações ao sr. capitão Pedro Melchiades de Moraes Britto, de Peracuruca, presentemente nesta capital.

Hospedes

Acham-se entre nós o sr. Anibal Martins, negociante em Valença, Napoleão do Rego e Ulysses Carmo da União.

Cumprimentamol-os.

EDITAL

Delegacia Fiscal

Por esta repartição se faz publico que termina em 31 de Dezembro do corrente anno o prazo para o recolhimento, sem desconto, das notas do governo e bilhetes da emissão bancaria em sua totalidade e que passou a cargo do governo, *ex-vi* do decreto n.º 2.406 de 16 de Dezembro de 1896, a saber:

Notas do Thesouro Federal: 500\$ da 5ª estampa, 200\$ e 50\$ da 6ª e 20\$ da 7ª.

BILHETES DOS BANCOS

Credito Popular do Brazil, Emissor do Norte, Estados Unidos do Brazil, Emissor da Bahia, Emissor de Pernambuco, Emissor do Sul, União de S. Paulo, Nacional do Brazil, Banco do Brazil nova emissão, Republica dos Estados Unidos do Brazil e Republica do Brazil.

As notas do Governo, ora em substituição, e todos os bilhetes bancarios, que não tiverem sido apresentados ao troco nesta repartição até o fim do alludido prazo incorrerão em desconto na forma das disposições em vigor. Delegacia Fiscal do Thesouro Federal—em Therezina, 18 de Outubro de 1898.

Benedicto Francisco Ribeiro.
1.º Escriurario.